

*A
Fantástica
Literatura*
Queser

Vermelho

*1ª edição - 2011
São Paulo - Brasil*



Copyright © 2011 Tarja Editorial

Todos os direitos desta edição reservados à Tarja Editorial. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, de forma alguma, sem a permissão formal, por escrito da editora ou do autor, exceto para citações incorporadas em artigos de crítica ou resenhas.

1ª edição em junho de 2011
Impresso no Brasil

EDITORES: Gianpaolo Celli
Richard Diegues

ORGANIZAÇÃO: Cristina Lasaitis
Roberto Pinheiro

REVISÃO: Cristina Lasaitis
Roberto Pinheiro

PROJETO GRÁFICO: Richard Diegues

FOTOGRAFIA CAPA: Katrina Brown

ILUSTRAÇÃO MIOLO: Richard Diegues

DIAGRAMAÇÃO CAPA: Verena Peres

DIAGRAMAÇÃO MIOLO: Richard Diegues

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NÃO PUBLICAÇÃO (CIF)

A Fantástica Literatura Queer, Vermelho / Vários Autores. -- São Paulo : Tarja Editorial, 2011.

ISBN 978-85-61541-30-9

1. Contos brasileiros: Coletâneas - I. Alliah. II. Fernandes, Camila. III. Marques, Cesar Sinício. IV. Vieira, Rogério Paulo. V. Malheiros, Monica. VI. Guerra, Laura Valença. VII. Lasaitis, Cristina. VIII. Série

CDD-869

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. Contos : Antologia : Literatura Brasileira
869.9308



LITERATURA FANTÁSTICA
MUITO ALÉM DOS GÊNEROS

[2011]

NŌSTER ANNO MIRABILIS

TARJA EDITORIAL LTDA.
Rua Sílvio Rodini, 399 - cj. 34
Parada Inglesa - São Paulo
CEP 02241-000 / SP
editora@tarjaeditorial.com.br
Twitter: @tarjaeditorial
www.tarjaeditorial.com.br
www.tarjalivros.com.br

Todas as citações e nomes incidentes neste livro são fruto do inconsciente de seus autores. As citações não são intencionais e servem apenas para embasar as histórias e dar mais prazer ao leitor, não chegando nem mesmo perto da ideia de ofender os vivos ou mortos. Mas ainda assim, caso sintasse ofendido com algo nestas páginas, basta fechar a obra. Ainda, se resolver insistir, compreenda que o mundo não gira ao seu redor e coincidências ocorrem. Todas as opiniões expressas nessa obra pertencem ao seu autor, mas os editores concordaram em publicá-las, portanto, partilhar delas. Os animais que porventura foram feridos, molestados e traumatizados durante a produção da obra receberam tratamento e passam bem, incluindo os de outras dimensões e planos. A cola usada na lombada pode conter glúten. Discriminação é crime e deveria causar lapidação pública. Sim, exercício provoca enfarto e TV causa retardamento mental. Vá ler!

*A
Fantástica
Literatura*
Questor

Vermelho



e e



PREFÁCIO





LUIZ MOTT

*Doutor em Antropologia, Fundador do Grupo Gay da Bahia
e Decano do Movimento Homossexual LGBT Brasileiro*

Eu tinha 20 anos quando pela primeira vez ouvi a palavra *queer*: ao me registrar como bolsista numa residência universitária dos Estados Unidos, em 1966, o atendente, desconfiando que eu era gay, devido a meus olhares sedutores, me disse asperamente: “You are queer!” Só então vim a saber que *queer* significava esquisito, estranho, equivalente ao nosso bicha, viado. Com o tempo, tanto lá quanto no Brasil, nós, homossexuais, passamos a assumir os antigos insultos, numa estratégia intencional de esvaziar-lhes a conotação pejorativa. Bicha e sapatão era como os militantes se tratavam quando em 1980 fundei o Grupo Gay da Bahia. Na época, “gay” era o termo preferido, e englobava todas as letrinhas de nossa comunidade: até hoje há lésbicas e travestis que se autointitulam gay.

Foi na virada do milênio que pela primeira vez ouvi falar em Teoria Queer, que se tornou o principal modismo pós-estruturalista junto à *intelligentsia* e setores da militância LGBT, muito embora introduzida





no Brasil notadamente por antropólogas heterossexuais. Hoje, os principais conceitos da teoria queer se tornaram chavões no *milieu* até pouco chamado de “gay and lesbian studies”. Raro é atualmente um artigo, conferência ou até discurso militante sobre homossexualidade que não cite heteronormatividade, binarismo, constructo social, essencialismo, identidades mutáveis, etc. Para grande parte da militância histórica LGBT, os teóricos queers se tornaram deletéria ameaça a um dos axiomas de nossa luta: a afirmação identitária, já que continuamos a estimular o *sair do armário* e a visibilidade como passos vitais para nossa cidadania plena de homossexuais. Tornei-me então uma espécie de corifeu crítico da teoria queer, por considerá-la uma esquisitice talvez válida para o primeiro mundo, mas danosa para o Brasil onde a cada 36 horas um gay, travesti ou lésbica é barbaramente assassinado, vítima da homofobia, sendo por conseguinte vital que mais e mais homopracitantes se assumam homossexuais como estratégia de enfrentar a homofobia cultural e institucional que tão fortemente infernizam nossas vidas.

Perguntará então o/a leitor/a: se na qualidade de decano do movimento LGBT, o acadêmico que há mais tempo, três décadas, milita em prol da cidadania translesbigay, e que vem tecendo constantes críticas às propostas antiidentitárias dos teóricos queers, por que então estar prefaciando exatamente uma coletânea de contos que tem como título *A Fantástica Literatura Queer*?

Aceitei este convite como um desafio e oportunidade para melhor conhecer essa novidade literária na língua do Brasil: a ficção queer. Já digo logo de cara que gostei bastante deste livro, aprendi horrores e considero tratar-se de uma

iniciativa não apenas pioneira, mas importante, para a inclusão do universo LGBT nos gêneros literatura fantástica, ficção científica e fantasia, ramos da literatura ainda pouco pesquisados na academia.

A Fantástica Literatura Queer é obra exemplar de como devem se pautar obras literárias coletivas: o respeito e destaque da diversidade. Embora os organizadores e diversos autores sejam lésbicas e gays assumidos, há também participação de heterossexuais, bissexuais, afinal, como gosto de confrontar o *heterrorsexismo*, nem todo mundo é perfeito... Tô brincando, obviamente.

Diversidade observada fartamente também no perfil biográfico d@s participantes do livro: dos 15 contistas, metade homem, metade mulher, jovens em sua maioria. Em termos profissionais, há de tudo: estudante, pintora, artista plástico, tradutora, revisora, ilustradora, psicólogo, estudante de letras, jornalista, mestrando em literatura, roteirista, historiador, professora de inglês, técnica publicitária e em áudio visual, consultor e editor da revista UFO, contabilista, funcionário público, expert em homofobia. Um menu pra ninguém botar defeito. Pluralidade regional: há autor cearense, paulistano, de Niterói, Guarulhos, Brasília, do Rio Grande do Sul. Vári@s contistas já participaram de outras coletâneas, inclusive laureados com prêmios nacionais, municipais e internacionais. Cert@s são possuidores de blogs, sites, fanzines, outros estão ligados ao preternatural, inescrutável e misterioso universo new weird e ao RPG (jogo de interpretação de personagens). Coisas *modernas* que este coroa sexagenário teve de recorrer ao Google pra saber exatamente seu significado. Há entre os autores





quem se identifica como menestrel, realista onírico, gay assumido, sacerdote neopagão, pura metamorfose ambulante, fãs de publicações japonesas do gênero yaoi.

A Fantástica Literatura Queer reúne contos pertencentes a gêneros literários igualmente marcados pela pluralidade inerente ao universo fantástico: ficção científica, fantasia urbana, terror sobrenatural, new weird (que mistura elementos de ficção científica, fantasia, terror, entre outros gêneros). Um verdadeiro coquetel queer...

Alguns títulos refletem a diversidade multifacetada e preternatural inerente a este gênero ficcional: *Eu era um lobisomem juvenil*, *A primeira vez de Silvânia Morgana Memphis contra a irmandade Gravibrânâmica*, *Eu tenbo um disco voador na garagem*. Outros evocam seja o apelo sentimental lesbigay: *O beijo de Alice*, *A presença*, seja a tragédia de ser homo num mundo dominado pelos héteros: *É foda existir*, *Eros*, onde o suicídio ou o autoexílio da terra são recorrentes como solução em alguns dramas existenciais.

Como fantasia não tem limites, A Fantástica Literatura Queer abre as portas não só do inferno, como de diversas outras fantasmagorias e mitologias que pululam – poluindo na mais das vezes! – nosso imaginário coletivo abraâmico: há relatos de possessões demoníacas, exorcismos, catarse mística, vampiros. Episódios e personagens bíblicos são desconstruídos numa criativa e sacrílega perspectiva lesbigay ou queer: o fratricídio de Caim e Abel na verdade enruste uma relação homoincestuosa; as filhas de Lot na mitológica destruição de Sodoma e Gomorra se tornam revolucionárias reprodutoras de futuros sodomitas – a *raça maldita* como foi chamada pelo egodistônico e queer *avant la lettre* Oscar Wilde. Há ainda aparição de outras miragens preternaturais:

anjos sedutores, os demônios Lucibel e Bialial, musas e de djins da mitologia islâmica.

Muitos dos contos têm forte marca do feminismo-lésbico, seja pelo resgate e revisão afirmativa de ícones e episódios emblemáticos, como as amazonas, as bruxas, a Rainha-Deusa Matrícia; seja pela presença de lésbicas afirmativas e vitoriosas no dia a dia ou em missões interplanetárias e no universo estranho do new weird, como as duas heroínas Morgana Memphis, apresentadora e famosa ex-roqueira e Amadahy, uma índia cherokee, sua ex-namorada, que usa um belíssimo e enorme cocar branco e poucas peças de roupa... Ah! Já que falamos em índias, encontrei na Torre do Tombo fantástica descrição de uma relação lésbica entre uma mulata e uma índia, num *conventículo de diabos e feiticeiras*, imagine aonde: no Piauí Colonial! Quem quiser, me mande um email que envio o artigo.

Seguindo os teóricos queer, que costumam provocar ira nos militantes, quando vaticinam a *falência das políticas identitárias*, A Fantástica Literatura Queer resgata uma ampla gama de tipos marginais, inimagináveis metamorfoses ambulantes, que se tornam ficcionalmente protagonistas e heróis: um albino, ciborgues, mutantes e híbridos de humanos com animais, translienígenas, bruxas, uma transexual seduzida por um vampiro, um adolescente nerd.

Como militante gay *full time* há mais três décadas, neoessencialista afirmativo e em vez de dinossauro, tiranossauro rex assumido..., sinceramente, considero esta coletânea de contos uma importante contribuição não só pelo seu pioneirismo, ao dar visibilidade à temática LGBT entre os aficionados pela literatura fantástica, como também





pela mensagem/injeção de otimismo transmitida pelo espírito geral da obra.

Enquanto humanista e uranista, aplaudi particularmente a denúncia feita por vários ficcionistas à homofobia e a crítica ao heterossexismo – conceito original e mais abrangente que heteronormatividade, a palavra chave dos teóricos queers. Homofobia cultural e institucional refletidas na solidão de vida de Martim, um jovem estudante gay; no casamento de fachada de alguns casais heteroeróticos que encontram finalmente a felicidade na homoafetividade; na cobrança familiar para que o filho gay apresente uma namorada inexistente; na similitude da solidão de uma transexual comparada à dos vampiros; no caso de um gay assassinado e uma lésbica estuprada, situações verdadeiras onde a ficção imita a vida real no nosso querido Brasil atual, campeão mundial de *homocídios*, onde uma travesti corre 800 vezes maior risco de ser assassinada do que nos Estados Unidos da América!

Apesar das trevas da solidão, do fogo do inferno e das fogueiras da Inquisição, da morte como fuga do *beterrorsexismo*, A Fantástica Literatura Queer transmite esperançosa mensagem cor de rosa do tipo *o amor liberta!* Em seu primeiro e único beijo de um vampiro pode vencer sua vítima apaixonada a abdicar para sempre da luz do dia; pelo amor de um demônio, o próprio inferno se torna preferível ao nosso mundo. Mundo que apesar e *pour cause* dos espancamentos de gays na Avenida Paulista, um bando de lunáticos humanistas, incluindo esta plêiade de contistas fantásticos, insistem em fazer da bela diversidade cromática do arco-íris, não uma enganosa quimera, mas um ideal atingível. Parabéns aos organizadores

Cris Lasaitis e Rober Pinheiro por esta exitosa iniciativa. Que A Fantástica Literatura Queer tenha muitos leitores e provoque boas discussões e devaneios. Quem sabe algum de nós encontrará de baixo do arco-íris um pote de ouro, ou a realização do sonho de mudar de sexo, de gênero, ou de vida...

Nota: o prefácio nesta obra referencia tanto os autores deste volume, como do volume laranja. Inicialmente o projeto previa apenas um livro, mas acabou dividindo-se em uma coleção.



e e



MORGANA MEMPHIS CONTRA A
IRMANDADE GRAVIBRANÂMICA



ALLIAH


*If anyone in this sbithole city gave two
tugs of a dead dog's cock about Truth,
this wouldn't be happening.*

Spider Jerusalem (Transmetropolitan, de Warren Ellis)

A menina segurava o corpinho molenga do polvo nos braços, enquanto uma gosma amarelada escorria pra fora do rasgão que dilacerava metade da criatura. Largados no meio-fio, com sangue e fluidos escorrendo em meio à sujeira, ambos eram ignorados pelo pandemônio que se arrastava vibrante e indiferente. Os olhos grandes da menina brilhavam com códigos num vermelho escuro piscando apressados por sua íris, pincelados por lágrimas e poeira. Ela apertava o cadáver contra o peito ossudo, com os cabelos castanhos desgrenhados cobrindo-lhe o rosto. O polvo de tentáculos gelatinosos ainda estremecia e esfumava, desfazendo-se em minúsculas partículas, gradativamente. Uma coleira de couro surrado pendia sobre a coxa da garota, e em poucos minutos era tudo que restava do animal que pouco tempo antes servia como objeto sexual no centro de zoofilia que se erguia atrás da criança.

Pelas calçadas largas, humanos, ciberoorganiformes, animorfos, translienígenas e





pacotes de consciências vaporizadas disputavam o mesmo espaço fedido e melado. Poucos paravam nas portas do ZooSex, atendidos por uma mulher-raposa de seios à mostra e calça de vinil. Ali perto, um casal de translienígenas metamorfos agarrava-se encostados numa projeção holográfica que berrava alguma sequência entediante de estatísticas sobre a eleição que se aproximava. Seus corpos alaranjados mesclavam-se como esponjas fusionando-se, perpassadas por ossos que se deslocavam e penetravam no holograma, furando o olho arregalado de um candidato que exibia uma pele metalizada em constante movimento turbilhonante.

– Nada de lixo aqui na frente! – gritou um animorfo de ombros largos e cabeça de chagal enquanto bicava a menina que acabara de perder o polvo de estimação.

A bota atingiu a coluna da garota e a jogou longe, para o meio da rua, onde quase foi atropelada por um grupo de peregrinos temporais em aeromotos. Xingando e tacando latinhas de cerveja, os viajantes fizeram a menina fugir para um beco, chorando alto e com filetes de catarro escorrendo do nariz.

Após chutar algumas sucatas e pedaços quebrados de próteses que se amontoavam sobre uma profusão de restos de ração e escorpião frito, a menina deixou-se apoiar num galão de dejetos hospitalares e escorregou até o chão. Irritada, massageava o olho para tentar acertar a sequência de códigos que havia bugado sua visão. Mas antes que conseguisse se entender com o defeito no software, ouviu um menino choramingando e murmurando algo ininteligível. Com cuidado, ela levantou-se tentando não fazer barulho e perscrutou o fundo do beco, que terminava num paredão pichado com passagem para um criptoaçougue. Semicerrando os olhos e

ativando o zoom do olho não travado, a garota distinguiu dois vultos e os contornos esverdeados do menino. Era um transliênigena sendo coagido por alguém coberto por uma capa. Parecia que lhe apertavam o pescoço. Um tapa jogou o garoto ao chão e braços arrastaram-no. Bruscamente, ambos sumiram pela porta dos fundos do criptoçoogue.

Assustada, a menina sentia suas mãos e pernas tremem. Pensou em voltar à rua principal e correr até uma cúpula policial para avisar do ocorrido, mas assim que girou nos calcanhares, um vulto acertou-lhe com um mangual de ferro e esmagou-lhe a cabeça contra a parede.

Morgana provocava Lisa com pequenos beijos no pescoço, encostando seus lábios cheios tão de leve na pele clara da ciberorganiforme que o toque era sentido como um sopro de pluma. De quatro sobre o corpo da amante mezzohumana, suas mãos passeavam pelo corpo nu da loira, arranhando-a levemente. Ela abraçava-a com as pernas, gemendo baixinho e jogando a cabeça para trás, arqueando o corpo na cama. As imensas e grossas paredes de vidro deixavam visível o oceano lá fora, de um azul turquesa entremeado por feixes de luz artificial e águas-vivas mutantes que volta e meia batiam nas janelas. Seus corpinhos translúcidos acendiam como árvores de natal subaquáticas e geneticamente destroçadas. Com uma das mãos, Morgana apertou a coxa esquerda de Lisa, ornada com trechos metálicos em espiral, enquanto deslizava a outra para o meio das pernas da mulher.

Lá fora uma arraia enroscou-se com uma das águas-vivas e ambas chamuscaram num arroubo esfumaçado que fez uma trilha de bolhas estourar na superfície.





Lisa deixou escapar um gemido mais intenso quando Morgana a penetrou. A ex-cantora de cabelos negros arrepiados sentiu o gosto salgado do suor da amante ao lambe seu pescoço, enquanto as mãos de Lisa deslizavam por suas costas. As respirações ofegantes de ambas uniam-se e compunham o único ruído da casa submarina, quando um holograma gigantesco piscou no meio do quarto e uma voz masculina digital cuspiu um alerta.

– Aaah não... O que agora?!

– Ahn... Espera... – murmurou Lisa ao ver Morgana levantar-se e ir em direção à projeção boiando no ar, explodindo em cores fosforescentes que formavam os contornos de um casebre estilizado e de uma cabeça amarela de olhos soturnos. Em letras vermelhas:

AMADAHY ENVIA PEDIDO DE SOCORRO

– Merda... – falou Morgana, ajeitando o cabelo. – O que essa louca fez agora?

– Você não vai embora, vai? – indagou Lisa com olhos suplicantes, já sentada na cama e aninhando-se nos lençóis.

– Ela precisa de mim. – respondeu, virando o rosto e depois indo em direção às roupas jogadas no chão ali perto.

– Esse vórtex ambulante de confusão sempre precisa de mim.

– Não sei por que você ainda se preocupa – a loira falou numa expressão emburrada, só desanuviando o cenho quando o filhote de tigre dentes-de-sabre irrompeu pelo quarto, pulou no seu colo e ronronou. – Ela te largou! Mais de uma vez!

Morgana vestia a meia-calça preta, o shortinho jeans e a blusa branca com o símbolo hippie pintado de vermelho.

O cabelo negro desfiado e assimétrico descia até pouco abaixo dos ombros, com as pontas espetadas pra fora.

– Olha, eu vou passar no Marte pra ver o que infernos aconteceu, vou resolver o mais rápido possível, e então volto pra você. Prometo!

– Isso é jeito de tratar os outros? Metade de mim tem sentimentos. Sem falar que até lá eu já perdi o tesão.

– Então fica assistindo algum videocast e pede uma comida cripto – respondeu Morgana enquanto calçava as ankle boots amarelas e pegava uma jaqueta de couro preto, que acomodou no braço.

– Sua sensibilidade é sempre revigorante.

– Você sabia com quem tava se metendo. Até mais, sweety!

E saiu porta afora em direção à batisfera de bronze artificial que a levaria até a superfície. O prisma de cores e luzes que se sucedeu na esfera pipocou em seu cérebro, sobrecarregado com lembranças de problemas passados e incômodas sensações de saudade daquela desequilibrada da Amadahy.

– Que bagunça!

Um policial gordo de semblante oleoso e pele arroxçada, resultado de uma rejeição orgânica aos enxertos de músculo que fizera, estava parado na entrada do beco em frente ao ZooSex. Aos seus pés estava jogado o corpo de uma menina com a cabeça estourada na parede, coluna dobrada em posição fetal e membros amarrados com cordas grossas de bondage.

– Esse bando de selvagem pratica sadomasoquismo também? – perguntou em voz alta o policial.

– Acredito que não – respondeu o legista, uma nuvem de fumaça acinzentada que flutuava amorfa ali perto.





– O corpo foi amarrado após a morte. Talvez apenas uma perversão extra ou uma tentativa de nos despistar. E não há assinatura animal no cadáver. Quem fez isso era humano puro.

– Bem, vamos assumir que foi um terrível mal entendido e fica tudo por isso mesmo. Não quero divulgação dessa merda. As eleições tão chegando e qualquer coisa que possa manchar a imagem dessa área vai irritar o Carbonaço. Não sei vocês, mas eu não to afim de ter minha garganta cortada.

– falou outro policial que se aproximava segurando um incinerador que parecia uma píton amazônica.

– Que seja – retrucou o gordo com cara de azeitona preta. – Aqui essa garota ia morrer de qualquer jeito.

– Quer dizer... Olha só isso. Quem em sã consciência se encosta num galão de lixo hospitalar? – ele continuou enquanto pegava uma seringa na ponta dos dedos, deixando pingar um muco amarronzado. – Daqui só tá faltando um amálgama de pedaços de fígado, luvas ensanguentadas e plugues enferrujados adquirir vida e levantar voo. Porra, tinha uma parede mijada limpa e inteirinha ali do outro lado.

– Sã consciência tá em extinção nessa cidade – retrucou o do incinerador, destravando a arma e ajeitando-a nos braços musculosos.

Uma língua de chamas alaranjadas lambeu a menina e então o cheiro de carne queimada elevou-se no ar, sendo rapidamente absorvido pela cúpula isoladora que o gordo criou e depois desfez com um gesto ensaiado. As cinzas foram varridas para o meio da rua, mesclando-se ao ranço de álcool intoxicado e sexo barato que escorria pelos bueiros, apimentados por cheiro de cebola, tinta fresca e espetinhos de inseto frito.

No topo de um morro isolado da metrópole e acessível apenas através de uma trilha cortando uma densa mata reflorestada, uma construção pequena, irregular e frágil erguia-se, cercada de troncos milenares e barba-de-velho roxa. Morgana aproximava-se em alta velocidade, deixando um rastro de poeira e embrenhando-se pela vegetação úmida e fechada.

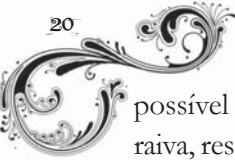
Em cima de uma bandeja de metal, a cabeça dourada repousava pacífica. Grande, gorda e impecavelmente inoxidável. Seu olhar branco e sereno era detestável, mas hipnotizante. O casebre de bambu e palha que abrigava o oráculo ostentava uma precariedade tão palpável que qualquer um se acharia no poder de derrubá-lo com um único sopro. Três andarilhos perdidos haviam tentado fazer exatamente isso. E todos terminaram com os lábios cortados e os intestinos arrancados pela orelha antes que pudessem sequer notar o que estava acontecendo.

– Boa tarde, Marte. Mostre-me as imagens – comandou Morgana assim que entrou no casebre, deixando a aeromoto estacionada logo ao lado das três estacas de metal que empalavam os andarilhos, nus, castrados e ornados com as vísceras lhes contornando o pescoço, espetadas com dezenas de bottons figurando smiles.

– Acredito que houve algum problema na transmissão ou na execução das fotografias – respondeu a cabeça, rolando na bandeja de prata. – Tudo que temos é isso.

Imediatamente uma série de hologramas abriu-se no ar, com imagens confusas e borradas. A primeira mostrava um translienígena em close, com os olhos arregalados e marejados, enquanto um vulto agarrava-o por trás e esguichos de sangue espirravam pra todo lado, sem que fosse





possível saber sua origem. Morgana mordeu os lábios com raiva, ressentida pelo transalien, que provavelmente fora mais uma vítima de preconceito. A segunda foto revelava um trecho das instalações internas de um criptoaçougue. Carcaças de criaturas estavam penduradas de um lado, enquanto do outro um homem bigodudo vestindo um avental de plástico corria enfurecido na direção do fotógrafo, com uma machete em mãos. Enquanto nessas duas nenhum rosto podia ser identificado e os contornos eram borrados, na terceira tudo parecia mais nítido. Uma mancha vermelha no chão de um beco, com cinzas sendo levadas pelo vento. Do outro lado, o letreiro luminoso do ZooSex destacava-se.

– Ótimo – resmungou Morgana com um sorriso irônico e braços cruzados. – Nada exatamente claro ou lúcido saiu dessas imagens. Tem algum arquivo de áudio ou de texto além da mensagem de urgência?

– Nada. A transmissão foi cortada.

– Okay, então tudo que sei é que ela deu uma volta pela cidade e registrou alguns adoráveis acontecimentos cotidianos dessa agradável existência terrena e miserável. Bem, já que preciso começar por algum lugar, acho que voltarei a exercitar minhas capacidades de sociabilidade chutando algumas bundas por aí e fazendo perguntas. Envie um mapa com rotas traçadas de todas as localizações dessas imagens pra minha memória externa neural – falou, enquanto passava as mãos pela superfície metálica das prateleiras e tateava entre os equipamentos eletrônicos que piscavam e reluziam deixando escapar um ruído manso quase inaudível.

– E deixe uma mensagem pra Lisa, na casa submarina principal. Diga que vou demorar mais que o previsto e que ela pode ficar por lá o tempo que quiser – concluiu, apertando


um pequeno botão atrás da orelha esquerda que desligava o nanofone. – Sem mais dor de cabeça, pelo menos por hoje.

Morgana saiu do oráculo a passos largos, vestiu a jaqueta que deixara em cima do assento, montou na aeromoto, e partiu, fazendo uma curva íngreme em direção às nuvens e sobrevoando entre o vapor d’água. Em três minutos já estava sobre a metrópole, manobrando pelo topo dos arranha-céus, desviando de uma infinidade de máquinas voadoras vigilantes e balões meteorológicos que passavam mais tempo monitorando atividade cometária do que prestando algum serviço de informação climática.

Lembrando da expressão apavorada e molhada que estampava o rosto do jovem translienígena naquela fotografia borrada, Morgana pensava em como a luta dos recém-operados era uma batalha sem fim. Originalmente assexuados e provenientes de uma cultura extraterrestre em que a sexualidade era inexistente e a reprodução dava-se através de uma forma complexa da cissiparidade, os alienígenas que aportaram na Terra há algumas tortuosas décadas devido a um acidente viram-se imersos num mundo extremamente sexualizado.

Conforme foram embrenhando-se entre os terrenos, tanto os humanos orgânicos quanto os modificados, encontraram-se absorvendo sua diversidade e ansiando por seus prazeres. Não demorou muito para que uma parte dos imigrantes decidisse se submeter a cirurgias que lhes dariam um sexo, uma identidade biológica de gênero essencialmente humana. Mas suas decisões não passariam em branco. Grupos conservadores radicais e extremistas, que havia pouco tempo habituaram-se a tolerar ciberorganiformes e animorfos, ficaram entusiasmados com o surgimento de uma





nova identidade na praça e puseram-se imediatamente a protestar contra os novos translienígenas. Alvos de preconceito e agressões, os transaliens foram jogados à margem daquela sociedade caleidoscópica, e antes que uma guerra civil fosse deflagrada entre terrenos e extraterrestres, todos os que haviam feito a cirurgia foram obrigados a se mudar para um bairro isolado no subúrbio, o Roulette, um buraco imundo e esquecido. Após a medida, suas vozes minúsculas e frágeis foram silenciadas. Eram verdadeiros espectros, perambulando invisíveis e ignorados, soterrados sobre a mudez da mídia e o desinteresse do grande público.

Com um frio incômodo mordiscando-lhe o pescoço e os dentes rangendo de raiva e ansiedade, Morgana consultou as rotas enviadas por Marte, visualizando-as no canto direito de sua visão, adaptando-a as linhas coloridas e sujas da cidade lá embaixo. Assim que determinou um primeiro alvo, desceu num voo rasante, matando uns três ratos voadores no processo, e aterrissou derrapante na rua do ZooSex. Seu pouso não despertou mais do que alguns segundos de atenção entre os animorfos do local e os transeuntes acidentais, normalmente bêbados ou drogados, que perambulavam por ali.

Deixando a aeromoto pairando em stand by perto de um poste de eletrofilia, onde meia dúzia de viciados plugava-se com fios que entravam em suas nuças e lhes aplicavam choques controlados, a ex-cantora andou firmemente até a entrada do ZooSex e encarou a mulher-raposa de três peitos.

– Possui cartão de associado ou cadastro no banco genético? – perguntou a animorfa com uma voz desinteressada e mecânica.

– Não vim aqui pra isso. Estou atrás de informações sobre uma mulher desaparecida.


– Eu tenho cara de caixa de recados ou lente de vigia, por acaso? – respondeu rispidamente, dando um olhar superior e seco pra Morgana e virando a atenção para um casal de homens-cavalo que se aproximava. – Não desperdice meu tempo. Ei, vocês, cartão de associado ou cadastro no banco genético?

– Não tente foder com a minha paciência – disse Morgana, pegando a mulher-raposa pelo pescoço e apertando-o, sentindo a fina pelagem alaranjada envolvendo-lhe os dedos. – Estou atrás de uma mulher metade humana de descendência cherokee e metade reconstruída a partir de engenharia biotemporal. Eu sei que vocês possuem sistemas de segurança que varrem a assinatura genética de todo e qualquer infeliz que passe por aqui. Se ela passou por essa rua, vocês tem o registro, e eu saberei que é a pessoa certa já que ela é a única do tipo num raio de cento e cinquenta quilômetros.

O casal de homens-cavalo havia se afastado, amedrontados, com seus focinhos tremendo. A mulher-raposa ofegava, olhos esbugalhados, soltando grunhidos que pareciam tentativas de xingamento com pedidos de socorro. Morgana soltou-a, deixando a animorfa recuperando o fôlego em grandes goladas. Alguns seguranças ursos carrancudos acabavam de chegar às portas do local, e estavam preparados pra atirar, mas haviam parado no exato momento que vislumbra-ram o rosto de Morgana.

– Sua... Ugh... Eu vou... Ugh... Não preciso ver os registros – respondeu a mulher-raposa, recobrando-se. – Eu vejo um desfile de bizarrices todos os dias, mas consigo me lembrar quando uma morena indígena passa seminua, cheia de tatuagens e com um cocar branco gigante na cabeça.





– Uau, você é Morgana Memphis! – exclamou um dos seguranças que havia estancado na porta, surpreso e com um sorriso de orelha a orelha. – Por favor, me dê um autógrafa!

– Eu também quero um! – gritou o segundo segurança.

– Só um minuto, rapazes – ela respondeu, deixando-os apreensivos como crianças. – Certo. Então ela passou por aqui. Ótimo. Lembra se ela estava com alguém e em que direção ela foi? Ou se houve algum incidente?

– Ela tava falando com umas freiras esquisitas, e depois acho que foi na direção do criptoçoogue do Tutano.

– Freiras... Que freiras?

– Sei lá, porra. Freiras são freiras, pra mim é tudo a mesma merda. Ainda mais com quinhentas religiões novas surgindo a cada segundo, e tudo com isenção fiscal e privilégios territoriais. Depois reclamam de orgias animorfas...

– Okay, okay... Onde fica esse criptoçoogue?

– A entrada principal é pelo outro lado do quarteirão. Mas ele tem uma porta dos fundos que dá praquele beco ali – respondeu apontando o dedo para o beco onde a menina do polvo de estimação havia sido morta e incinerada.

Morgana agradeceu as informações com um sorriso sarcástico e deu os autógrafos para os seguranças, enquanto esses se desculpavam pela falta de respeito da mulher-raposa, explicando que ela havia sido fabricada numa fazenda, só tinha quatro anos de vida e não se lembrava das Gungirls nem vira as últimas aparições polêmicas da cantora na mídia.

“Às vezes eu também prefiro não me lembrar dessa banda...”, pensou Morgana, atravessando a rua em direção ao beco. Mas quando estava no meio do trajeto, com um ou outro veículo passando rente ao solo, uma explosão fez-se

ouvir na direção do prédio residencial em frente, estourando uma janela do vigésimo andar. No meio da fumaça e dos cacos de vidro que se estilhaçavam, um vulto com asas pulou e planou por segundos. Uma saraivada de tiros seguiu-se, e o vulto desceu veloz. Morgana teve tempo apenas de distinguir os contornos de uma mulher sentada sobre um pterossauro putrefato antes de ser arrancada do chão. Assim que foi agarrada e posta naquela montaria alada, notou que a mulher no comando dos arreios era Amadahy.

– O-qu-ca-ra-os-tá-a-con-t-en-do?! – berrou Morgana, segurando firme na cintura da cherokee e tentando se fazer ouvir entre os disparos.

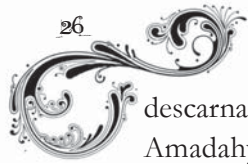
Atrás delas, duas máquinas vigilantes aproximavam-se, apontando os canos de uma sequência preocupante de armamentos de fogo. As bolas de metal controladas remotamente e programadas pra não retornar até extinguir a vida dos alvos faziam manobras no ar tentando desestabilizar o pterossauro e atiravam com considerável precisão, quase acertando a dupla três vezes. Amadahy passou um tipo robusto de pistola pesada e emborrachada para Morgana.

– Aponta na direção dessas coisas e pressiona o gatilho!

A ex-cantora não pestanejou. Curvou o corpo e acertou as duas máquinas com uma poderosa descarga elétrica. As bolas de metal pararam imediatamente, soltando faíscas e alguns filetes de fumaça preta, caindo logo em seguida e indo chocarem-se nas ruas lá embaixo.

Amadahy puxou o arreio improvisado e guiou o pterossauro até alguns metros à frente. Mas assim que se preparava para descer com o animal, ele começou a ter convulsões, perdendo o equilíbrio. O réptil convulsionou em pleno ar, babando uma espuma verde e tendo a mandíbula





descarnada quase arrancada pelos puxões desesperados de Amadahy. Caíram numa calçada perto de uma praça. O pterossauro saiu rolando em alta velocidade e foi espatifarse contra uma cabine videofônica, esmagando um infeliz que estava lá dentro e espirrando ossos para todos os lados. Amadahy levantava-se do chão, massageando o ombro direito e espalmado a poeira da pouca roupa que usava, deixando as inúmeras tatuagens tribais em seu corpo moreno à mostra. Morgana ajeitava a jaqueta e estapeava a cherokee gritando mil xingamentos.

– Onde você tava com a cabeça! A gente podia ter morrido! E de que buraco saiu esse pterossauro? Quem tava tentando te matar? O que infernos você fez agora?

Amadahy olhava pra Morgana que berrava igual uma maluca, fazendo gestos furiosos, quase disparando acidentalmente a arma elétrica, e não respondia uma palavra sequer, apenas sorria. A ex-cantora esgotou seu arsenal de questionamentos e sermões, com as mãos na cintura e o cenho franzido olhou em silêncio para a cherokee, tentando enxergá-la através daqueles olhos negros quase escondidos pela franja. Então a puxou pela cintura e a beijou, subindo uma das mãos para a nuca de Amadahy, por entre seus longos cabelos escuros. Abraçaram-se carinhosamente e fitaram-se com um suspiro. Riram.

– Vem, vamos comer alguma coisa que eu te explico tudo em detalhes – falou Amadahy, segurando Morgana pela mão.

– Eu vou precisar de uma cerveja...

O ferrão do híbrido de escorpião e aranha pingava veneno e estava prestes a furar os olhos arregalados de um criptoçoagueiro. Mãos femininas seguravam a criatura morta

coberta por couraças desbotadas e por tufos de pelo cinza, encurralando o homem contra uma mesa de mármore suja de sangue e pedaços de vermes gigantes. Desesperado, ele desculpava-se pelo descuido, implorava por misericórdia e prometia que da próxima vez não deixaria a intrusa escapar. Falou entre soluços de um choro engolido que iria agora mesmo pegar um facão e sair à caça daquela índia. Mas tudo que ouviu como resposta foi que o fracasso era intolerável e que por culpa daquele pequeno erro, todo um império estava em risco, balouçando sobre estruturas rachadas.

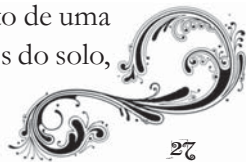
– Você irritou gente poderosa. Sabe o que isso significa, não sabe? Significa que seu nome já tá escrito em cada gota desse veneno.

O homem gritou e morreu num engasgo quando a mulher atacou-o com o ferrão, quase lhe partindo o crânio ao perfurar seu olho direito. O corpo gordo estrebuchou e caiu, respingando veneno. Pacientemente, ela arrastou-o até o frigorífico ali perto, cortou fora a cabeça, jogando-a no triturador de lixo pesado, fatiou o corpo e guardou-o meticulosamente em pequenos pacotes, etiquetando-os e colocando-os junto à reserva de carne de Yeti.

Amanhã seu cadáver partiria para algum restaurante sofisticado e seu músculo seria saboreado ao tempero indonésio de algum paladar muito azarado.

– Eu não gosto desses grilos fritos. As asas ficam agarando na gengiva, é um inferno pra tirar – falou Morgana enquanto saboreava um pombúguer e bebia uma cerveja achocolatada.

As duas estavam sentadas numa mesa no canto de uma lanchonete. O piso de vidro erguia-se vários metros do solo,





deixando visíveis as linhas de trilho magnético correndo paralelas lá embaixo. Os vagões passavam numa velocidade estonteante, flutuando. Nada mais eram do que borrões acinzentados e silenciosos. Ali dentro, apenas uma leve música eletrônica ambiente tomava corpo.

– Você é louca de pagar essa fortuna toda só por uma garrafinha de cerveja – disse a cherokee, rodando uma latinha de energético no tampo verde da mesa.

– Não é qualquer cerveja, é cerveja achocolatada, e da melhor safra de cacau suíço. Além do mais, dinheiro é o que não me falta.

Atrás delas, a parede funcionava como uma gigantesca e plana lâmpada de lava, com bolhas vermelhas subindo e descendo. Uma película de resfriamento protegia os descuidados de queimarem-se na superfície daquela psicodelia líquida.

– Mesmo assim. Não é uma questão financeira. É uma questão de princípios. Só porque chocolate é uma raridade eles se acham no direito de cobrar como se fossem diamantes comestíveis.

– Princípios? Quer falar de princípios? Comece na parte em que você me sequestra no meio da rua montada num réptil voador de 65 milhões de anos atrás – falou Morgana, pegando um picles de algas verde-azulado da bandeja. – Esses espécimes pré-históricos clonados não estavam confiscados? Ou proibidos. Qualquer coisa assim.

– Clonagem de animais extintos potencialmente perigosos foi proibida dois anos atrás e os espécimes existentes foram congelados e lacrados em alguns seletos laboratórios. Acontece que aquele criptoaçougue funciona como muitas coisas além de sua função principal, e uma dessas coisas é servir de depósito temporário pro tráfico dessas belezinhas

pré-históricas – respondeu Amadahy, enquanto devorava os grilos fritos desdenhados por Morgana. – Mas aquele em especial estava sendo descarnado. Eu o animei com uma injeção de zumbificante. Acho que dei uma dose pequena demais, por isso ele remorreu antes que pudéssemos pousar apropriadamente.


Uma tela embutida na parede atrás do balcão de atendimento, que antes passava um filme sobre um paralelo espaço-temporal da Palestina nos subúrbios de Andrômeda, interrompera a programação para dar espaço ao Minutos Do Povo, uma propaganda odiosa em que o governador Carbonaço, atualmente trabalhando em sua campanha pela reeleição, discursava baboseiras sobre suas falsas conquistas. O político mal começara a discorrer sobre as últimas medidas que tomara em relação à biosegurança dos hospitais de vapotransição quando Morgana levantou e tacou a garrafinha de cerveja na tela, que ficou enfiada no meio de uma gigantesca rachadura.

As pessoas observaram a tudo imóveis e boquiabertas. Alguns riram nervosamente. Os atendentes, ao perceberem que era Morgana Memphis a responsável, prontamente ignoraram o ocorrido e continuaram a trabalhar, agora sob um ruído ininteligível que partia da tela danificada, com a imagem deformada do governador, discursando com uma garrafa de cerveja enfiada na cara.

– E por que você foi cuspada de uma explosão naquele prédio? – indagou a ex-cantora numa voz calma, retomando a conversa como se nada tivesse acontecido.

– Eu tava fugindo de uma sede da Irmandade Gravibrânica. Aparentemente o criptoaçougue no primeiro andar deles é só uma maneira de lavar dinheiro e ganhar uns extras com o tráfico.





– O que você tava fazendo numa igreja? – indagou Morgana com espanto, parando o último pedaço de sanduíche no meio do caminho. – E logo na mais reacionária delas.

– Tentando descobrir que fim levou o pobre menino translienígena que uma daquelas freiras malucas sequestrou. Eu estava indo bisbilhotar as instalações da Irmandade, através de uma passagem do criptoaçougue, mas um velho gordo ensandecido e fedendo a gordura de Chupacabra me viu e tentou me matar. Nem lembro direito por onde passei, porque eu saí correndo e tive uma puta sorte quando me deparei com aquelas seringas de zumbificante numa sala de evisceração.

– Sequestrado, é? Hum... Sabe, ninguém comenta, mas se formos contar, esse deve ser o décimo translienígena desaparecido só essa semana aqui na cidade – falou Morgana terminando de comer o pombúrguer e desviando o olhar para as mesas vizinhas, onde alguns a olhavam de esguelha e cochichavam animados.

Pedaços retalhados de conversas sobressaíam-se acidentalmente. Elogios e críticas recheadas de ódio sobre Morgana e sua língua sem filtro. Uns reuniam uma sequência vazia de palavras bonitas para tentar desacreditar as denúncias claras e diretas que ela fazia, enquanto outros apenas diziam que ela tava mais gostosa do que na época das Gungirls. Quem a idolatrava era de maneira torta e, por vezes, violenta. A ex-cantora divertia-se com o frenesi que causava e se alimentava das reações absurdas das pessoas para encorpar suas gargalhadas.

– É, eu andei falando com alguns ativistas no Roulette – disse Amadahy, fechando a expressão. – A situação tá feia, as crianças não saem mais nas ruas sozinhas. E quando podem, contratam animorfos como seguranças. Agora

imagina a farra que aqueles cabeça de búfalo tão fazendo com esse dinheiro fácil, explorando o terror dessas criaturas...

– Eu só queria saber por que ninguém fala disso. Ninguém sabe o que anda acontecendo. Nem mesmo a Grammaton, que me paga fortunas pelos direitos de exibição dos meus vídeos. Nem essa emissora fudida transmite uma notinha sequer sobre o desaparecimento de translienígenas e a brutalidade a que eles são expostos naquela merda de bairro que é o Roulette. Praticamente uma zona militar isolada e abandonada pra manter os inconvenientes afastados. Acho que já passou da hora de eu usar isso como tema no Shot de Cianureto.

Amadahy esboçou um leve sorriso e balançou a cabeça num sinal claro de reprovação, embora concordasse com Morgana e sentisse a mesma repulsa e mal estar que impeliavam a amiga a dizer tudo que pensava no programa semanal.


– Pressinto mais uma avalanche de atentados terroristas nas imediações da sua casa, ameaças de morte por parte de conservadores fanáticos e homens encapuzados querendo te espancar num sinal de aviso sobre futuros abusos de liberdade...

– Querida, liberdade nunca é abusiva. Somente a opressão é.

– Ouvi isso de um senhor translienígena crossdresser na semana passada – respondeu a cherokee, levantando a mão para chamar um atendente e pedir um sorvete. – Ele tava sentado na calçada, com um vestido mutável cheio de babados, rabiscando quadrinhos num daqueles tablets antigos. Acho que era alguma coisa sobre o acidente que trouxe a espécie dele pra nosso planetinha.

Um estrondo de vozes e pneus raspando o asfalto vindo da rua interrompeu a conversa das duas. Assustados, todos se





levantaram e aproximaram-se das paredes, enxergando uma confusão lá fora. Através das bolhas vermelhas que dançavam no vidro, Morgana distinguiu um grupo de fanáticos que havia parado o trânsito terrestre e se organizava para congestionar o aéreo. Reconheceu suas túnicas grossas e seus capuzes e turbantes pesados. Eram integrantes de um movimento pequeno, mas barulhento, que abominava o sexo e outras formas de contato físico íntimo, até mesmo abraços ou apertos de mão.

– Ei, não são aqueles babacas que fizeram um protesto na apresentação dos neogípcios, ano passado? – indagou Amadahy. – Foi quando você e a Georgia se encontraram, não foi?

– Sim, são os mesmos imbecis. E não me lembra mais dela, okay?

Morgana virou o rosto, perturbada, e foi até o caixa. Estendeu o pulso e passou-o sobre um sensor no balcão, que detectou um minúsculo chip subcutâneo e processou o pagamento, com uma adição pelo preço da tela quebrada.

– Mas falando em fanáticos religiosos... Quando terminar esse sorvete, vamos voltar àquela igreja. Se as freiras estão mesmo por trás dos sequestros dos translienígenas, vai ser lá que também descobriremos quem está compactuado com elas pra manter essa atrocidade encoberta. Eu vou querer resolver isso com minhas próprias mãos.

– E eu vou querer recuperar o cocar que eu perdi no meio daquela confusão.


Mesmo com o controle climático mantendo o céu num entediante e sereno azul, a atmosfera no Roulette era de um cinza esverdeado pesado e gosmento, que assentava como

sujeira grossa pelas calçadas. O coquetel químico de resíduos acumulados pelos cantos e amontoando-se no meio-fio brilhava em alguns pontos, irradiando e estalando, contorcendo-se e expandindo-se. Alguns juravam que podiam até mesmo ouvir a podridão gemer, bem baixinho e rouco, lamuriando xingamentos. Mas naquela tarde, nada disso chamava mais atenção do que o corpo mutilado que aparecera pregado numa cabine videofônica. O transalien menino tivera a cabeça retalhada, com os olhos ovais expurgados, a boca miúda dilacerada e os membros fracotes dispostos em ângulos impossíveis. Fraturas expostas pontuavam suas articulações, enquanto o sangue de um vinho arroxeadado escorria abundante, formando uma poça no chão abaixo de seus pés suspensos.

O pavor espalhou-se imediatamente, com fêmeas tapando os olhos de seus filhos, afogando-se em lágrimas, e machos deixando-se cair de joelhos perante a vítima. Outros, enfurecidos, cerravam os punhos e andavam sem rumo, como se procurassem um inimigo em quem descontar o ódio. Os militares que guardavam as entradas do bairro apenas observavam apaticamente, de longe, a movimentação encorpar e abrigar gritos de desespero e urros de indignação. Ninguém se atrevia a chegar perto dos soldados, com medo de receberem umas boas porradas na cabeça antes mesmo de conseguirem terminar de explicar a situação. Alguém falou em chamar a polícia. Mas mesmo que conseguissem entrar em contato, nenhuma viatura nunca chegaria ali.

Um pouco afastado daquele espetáculo de horror, um senhor de vestido acomodava-se nas escadas de um prédio carcomido e torto. A laje despedaçada deixava escorrer uma linha fina de pó branco. Encostado na grade de ferro que





formava o corrimão, o transalien crossdresser ajeitou a peruca de cabelos loiros cacheados e começou a desenhar no seu tablet, com gestos furiosos, enquanto mantinha uma expressão congelada de resignação.

Um grupo de militares aproximava-se do corpo mutilado, empunhando armamentos engatilhados e passeando com suas miras vermelhas pelas cabeças dos transaliens, que aos poucos diminuía suas vozes e abaixavam seus braços. Câmeras portáteis e implantadas que focavam o cadáver foram desativadas ou destruídas. Um deles, de mandíbulas proeminentes e implantes metálicos brotando grotescos do zigomático e crescendo como chifres recurvados, arrancou o cadáver da cabine de maneira brusca, despedaçando-o. Gritos agudos acompanharam suas ações.

– Vocês precisam fazer alguma coisa! – um jovem precipitou-se, arrependendo-se das palavras estúpidas logo depois.

O soldado desferiu um tapa no rosto do transalien, jogando-o de encontro ao chão.

– Esse cadáver... É só mais um ataque... Estão nos eliminando... – murmurou o menino, massageando o rosto machucado.

Olhares perplexos observavam os soldados recolherem os pedaços do transalien, amontoarem no meio da rua e começarem a despejar um líquido amarelado de cheiro muito forte. Risos debochados seguiram o apontar de um fósforo, artefato que quase não mais existia.

– Cadáver, garoto? – perguntou o militar. – Que cadáver?

Assim que a chama do pequeno palito tocou o líquido que encharcava o corpo, uma gigantesca língua de fogo lilás subiu aos céus. A fogueira queimaria ininterruptamente por

mais de um mês. O produto só poderia ser apagado com um controlador de uso exclusivo das forças armadas. O menino transalien serviria de lição por um bom tempo.

– Precisava mesmo fazer aquilo? – indagou Amadahy a Morgana, enquanto as duas andavam pela rua em direção à Irmandade Gravibranâmica.

– Foi primeiro pela diversão e segundo pela sensação de vingança cumprida, ainda que tardia – respondeu a ex-cantora.

Morgana havia confrontado o grupo de protestantes antissexo logo depois que saíra da lanchonete, zombando-os e arrancando as roupas pesadas dos pobres homens, que ficaram desnorteados com a metralhadora de palavras obscenas da cantora e mal conseguiam defender-se de suas investidas. Ao final, cinco dos protestantes estavam nus no meio da rua, com seus membros amarrados uns aos outros por um fio que Morgana arrancara de um poste de eletrofilia ali perto. Qualquer movimento brusco, e seriam eletrocutados de maneira perturbadoramente prazerosa.

Ao aproximarem-se da rua do ZooSex, Morgana correu em direção à entrada do centro de zoofilia, torcendo para sua aeromoto ainda estar parada ali em frente. Mas obviamente não estava. Tudo acontecera tão rápido àquela hora antes da cherokee agarrá-la num pterossauro que sequer ativara o sistema de segurança do veículo.

– Sabe, você tá me devendo uma aeromoto! – vociferou irritada para Amadahy, que parara repentinamente no meio da calçada e parecia estar recebendo uma ligação pelo nanofone.

Seus olhos negros movimentavam-se apreensivos e velozes de um lado a outro, vasculhando as imagens que estava





recebendo via neural. Com o rosto fechado numa expressão assustada, Amadahy terminou a ligação e passou as imagens para memória externa de Morgana, que as acessou abrindo-as no ar como hologramas.

– Não sei como vocês conseguem viver com esses implantes oculares integrados. Eu não gosto de nada bloqueando minha visão, mesmo que momentaneamente e...

Mas suas palavras silenciaram assim que se deparou com a história em quadrinhos que se desenrolava no ar. Desenhados de maneira descompromissada, com rabiscos pretos e vermelhos, ainda assim possuía uma excelência artística de tirar o fôlego, e o caso que contava começava a embulhar o estômago das amigas. As expressões dilatadas dos militares frente ao horror esticado dos transaliens eram mostradas como tecidos prestes a arrebentar, com um pano de fundo macabro que figurava os pedaços mutilados do corpo da vítima. A última página era um arroubo de linhas onduladas que sangravam as bordas. Na base, um borrão preto e insignificante representava os restos em combustão do menino assassinado.

– Não estão apenas sumindo com os transaliens, agora também estão eliminando-os! – falou a cherokee.

– Não, isso não é um simples extermínio... – respondeu Morgana. – É um aviso! Querem expulsá-los do planeta, mandá-los de volta pra sabe-se lá onde! Os sequestros suscitaram terror, mas não foi suficiente pra intimidá-los. Então começaram a fazer ameaças mais enfáticas.

– Se os querem longe, não poderiam matá-los e encobrir tudo, como fizeram com esse menino?

– Por mais que esses filhos da puta sejam poderosos e por mais que o povo aqui fora seja alienado, o sumiço

repentino de uma população inteira de uma determinada espécie seria algo grande demais para colocar panos quentes. Os poucos transaliens endinheirados que vivem aqui fora tomariam providências.

– Mas por que os militares estão ajudando as freiras? Ou seria o inverso? Merda, não consigo enxergar a raiz dessa operação!

– Ora, pense, Amadahy! De quem partiu a medida da criação do Roulette? Sob o mandato de quem os transaliens foram marginalizados? E sob os comandos de quem os militares agem na porra da cidade inteira, quiçá no resto do estado também?

A cherokee teve um lampejo de consciência e levou a mão à boca. Seus olhos miraram os outdoors flutuantes que crucificavam as ruas da cidade com suas cores brilhantes e seus anúncios barulhentos. Entre eles, surgindo com um sorriso impecável e sua inconfundível pele metálica turbulenta, a cara robusta e quadrada do Carbonaço ganhava espaço entre frases de efeito e nebulosas estatísticas dos resultados duvidosos de seus governos.

Rostos espremiam-se pelas grades, com olhos ovalados suplicantes e profundos. As queimaduras e choques não mais faziam efeito. As feridas em suas peles regeneravam com rapidez e seus choros e gritos eram intermináveis. As paredes curvas e mutantes do salão causavam vertigem aos desacomodados. Um par de freiras metidas em túnicas negras andava pra lá e pra cá, agitadas, com manguais de ferro nas mãos e bastões incendiários presos à cintura. Os transaliens prisioneiros sufocavam no pequeno caixote energético que os mantinha isolados. Não recebiam explicações sobre por





que estavam ali. Ninguém lhes falava de maneira clara. Eram apenas açoitados, humilhados e castigados continuamente, sob alegações de que suas impurezas contaminariam as pessoas de bem.

– Seus corpos extraterrenos são a materialização herege da corrupção extraplanetária que ronda as bordas do nosso Sistema Solar! – berrava uma das freiras quase todos os dias. – Só Brana sabe quantos mais existem lá fora, prontos a fincar suas garras imundas em nosso solo e absorver nosso sustento! Vocês são a escória! E não possuem o direito de se apropriar da essência masculina nem da feminina! Suas modificações corporais para roubar um gênero humano são vergonhosas e absurdas! Seus relacionamentos são nojentos e perversos! Espero que sucumbam com suas genitálias apodrecidas a lhes corromper todo o corpo!

As vociferações causavam terror e vergonha. Muitos já estavam convencidos a sair do planeta, e levariam suas convicções entristecidas para os parentes quando voltassem para casa, exatamente como as freiras planejaram. Mas outros se mantinham firmes na resistência e frequentemente respondiam aos insultos. A teimosia agressiva desses dissidentes foi o que causou o assassinato de um deles. Os prisioneiros ainda lembravam-se vividamente de terem presenciado o homicídio e a mutilação. O corpo sumira pelos confins enlouquecidos daquele prédio mutante e agora ardia em chamas lilases.

Aproveitando a confusão que se formara ao redor da fogueira, uma menina transalien esgueirou-se sorrateiramente pelos becos do Roulette, contornou as tropas que assistiam distraídas ao pandemônio, e conseguiu ultrapassar as fronteiras vigiadas do bairro através dos canos de despejo de uma

clínica animorfa ali perto. Com as roupas empapadas de isopropanol sujo, tufo falhados de pêlo felino presos no sapato e pedacinhos de cálcio grudados no cabelo, a menina atravessou a zona morta que separava o Roulette do centro e correu pelas ruas parando as pessoas, pedindo por socorro.

Inconformada, tentava relatar o que estava acontecendo a poucos metros dali, mas ninguém lhe dava crédito.

– Assassinato? Ora, faça-me o favor, vocês recebem um bairro inteirinho do governo, tem segurança militar vinte e quatro horas e ainda reclamam?

– O quê? Estão sendo ameaçados? O que é isso, algum viral de uma apresentação teatral? Não sabia que transaliens tinham veio artístico!

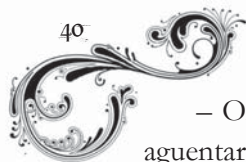
– Não seja boba, criança, esse fogo lilás só pode ser usado em guerra! Você está delirando, volte para seus pais!

– O Carbonaço está fazendo um ótimo trabalho de assistência social para vocês, e não está pedindo nada em troca! O Roulette é uma bênção! Mantém sua espécie amparada e protegida! Tenha mais respeito!

Mas a menina não descansava, e sua insistência estava começando a causar uma reação, ainda que minúscula e superficial. Um ou outro levantavam as sobrancelhas e coçavam o queixo, paravam para ouvir um pouco mais e faziam perguntas não tão ofensivas. Seus olhinhos pequenos e amedrontados começavam a brilhar.

– Não sei por que ainda me surpreendo com seus modos práticos e objetivos... – resmungou Amadahy enquanto tentava manter o equilíbrio ao andar por um corredor caleidoscópico que pipocava representações de partículas subatômicas interagindo na velocidade da luz.





– Olha, não sei você, mas eu não tenho estômago pra aguentar aquela freira-guia tentando me ensinar um monte de babaquice esotérica – respondeu Morgana, apoiando-se num feixe de táquions que passavam como uma faixa amarela pela parede, contornando o espaço virtual. – Eu tinha que deixá-la inconsciente! Só assim ela ia calar a boca e nós poderíamos subir aos andares proibidos.

– Foi você que quis entrar pelo portão principal. Eu avisei que o primeiro andar é uma ala didática. Eles recebem visitantes do país inteiro, sabia? E existem maneiras mais sutis de deixar alguém inconsciente. Não precisava jogar a velha contra o altar de branas e destruir metade da escultura.

– Considere isso como um contra-ataque acumulado. Desde adolescente não aguento esses papos pseudocientíficos e interpretações distorcidas e religiosas sobre Física Quântica e Teoria-M. Mas não fazia nada porque achava que ser uma cética pacífica era mais elegante. E agora veja aonde chegamos! Uma religião nova e inteirinha baseada nessa merda!

– Morgana, cuidado!

Meia dúzia de projéteis explosivos cortou o ar, confundiu-se com as representações computadorizadas que se deram pelo teto alto e explodiram atrás das duas amigas, que se abaixaram instintivamente. À frente delas, um segurança carrancudo com uma armadura de metamaterial que lhe deixava parcialmente camuflado ao ambiente, aproximava-se a passos largos. Um chicote elétrico estrebuchava em suas mãos emborrachadas, como uma enguia metálica. Atrás dele, um outro surgia, ultrapassando uma holografia do espaço-tempo, e começava a levantar um arco-e-flecha.

Amadahy levantou e avançou sob os protestos de Morgana. A ex-cantora viu a cherokee pular por cima do

primeiro segurança, e aproveitou para distraí-lo com provocações, fugindo das chicotadas numa dança desengonçada de passos. Os estalos elétricos zumbiam, mesclando-se aos ruídos desconexos das paredes mutantes e dos corredores maleáveis. Aproveitando-se do espaço traiçoeiro, que parecia derreter e multiplicar-se em algumas partes, a cherokee confundiu o arqueiro com projeções suas enfileirando-se numa parede e o emboscou, roubando a arma e perfurando uma flecha por sua nuca. Morgana tinha se complicado com as esquivas e fora agarrada pelo pescoço. Estava prestes a ser eletrocutada quando uma flecha atravessou a cabeça do segurança, arrancando-lhe a língua pela garganta.


– Eu não sou lutadora. Eu não sou atiradora. Eu não nasci pra isso! – reclamou Morgana, enquanto abaixava-se para roubar o chicote elétrico.

– E eu não estava gostando nem um pouco dessa loucura arquitetônica cheia de quântica, supercordas e branas, mas agora até que estou me sentindo confortável – retrucou Amadahy com um sorriso sacana no rosto. – Eu identifiquei um padrão nessas colisões de partículas. Elas formam um mapa. Se minha física não está enferrujada, precisamos atravessar mais três andares por essas escadas mutantes pra chegar onde os transaliens estão aprisionados! Vê? As trajetórias e as velocidades são códigos!

– Aquele erro na sua reconstrução biotemporal fez maravilhas com seu cérebro. Mas já que você tá conseguindo ler essa maluquice, ache outro caminho, porque não aguentaremos mais três andares de seguranças.

– E nem precisamos. Isso aqui foi construído pra mimetizar uma série de eventos físicos, tanto na escala subatômica quanto na astronômica. Só precisamos manipular umas projeções aqui





e ali, criar um buraco de minhoca virtual, e, seguindo o mapa dessas colisões simbólicas, marcar nosso destino na topografia desse prédio.

– Custava colocarem uma porra de um elevador?

No salão principal, as duas freiras zombavam dos transaliens com repulsa. Seus narizes empinados e o ar superior que exalavam ao discursar os dogmas irracionais de sua crença atingiam o rosto de cada translienígena como um soco. Como sempre, as vozes autoritárias das duas preenchiam o salão inteiro com raiva e os prisioneiros apenas abaixavam as cabeças e choravam silenciosos, ansiando por liberdade e respeito. Mas antes que uma das freiras, de modos espalhafatosos e cara gorda, pudesse terminar de explicar por que o deus Gráviton e o santo Brana abominavam as práticas sexuais dos transaliens, um buraco abriu-se na parede turbilhonante a poucos metros dali, e duas mulheres caíram no chão.

Morgana e Amadahy levantaram-se habilmente, com o arco-e-flecha apontado e o chicote girando no ar. As duas freiras ficaram sem reação nos primeiros segundos, e então correram a chamar os seguranças. Mas as flechadas da cherokee foram mais velozes e atingiram as duas em cheio, derrubando-as como pedaços gigantes de carne e gordura embalados num saco preto. Imobilizadas pelas flechas que rasgavam suas pernas e braços, as mulheres imploraram por misericórdia.

– Não teremos a menor compaixão com vocês, seus vermes, suas... Ei, meu cocar! – Amadahy exclamou quando viu o cocar escorrendo pela parede, saindo de um redemoinho de entropia.

– Agora sim – disse a cherokee, ajeitando o acessório na cabeça, com suas enormes penas brancas de pontas vermelhas e amarelas, descendo até o chão.

A ex-cantora aproximou-se das mulheres, exigindo explicações. As freiras relutaram em entregar nomes ou fornecer qualquer informação. Morgana, então, abaixou-se, deixando o chicote elétrico visível aos olhos marejados das beatas. O artefato metálico era articulado e possuía níveis de intensidade reguláveis para o choque. Num gesto rápido, as placas prenderam-se umas às outras de forma linear e o chicote endureceu numa lança.

– Ou vocês começam a falar tudo que eu quero ouvir, ou esse chicote vai fritar seus úteros pelo rabo!

Em menos de dez minutos as freiras fizeram uma lista de nomes e contaram tudo em detalhes, explicitando a participação importante do Carbonaço naquela operação.

– Agora nos deixe ir! Por favor, nos deixe ir!

A resposta da ex-cantora foi pisar em seus pescoços e cortar suas gargantas com o chicote quase a decepar suas cabeças. O sangue que escorreu de seus corpos começou a ser absorvido pelo piso ondulante, e todo o prédio, aos poucos, foi adquirindo uma coloração avermelhada.

– Sei lá, viu, eu esperava um grand finale pra essa história – disse Amadahy enquanto desativava a gaiola energética que prendia os translienígenas.

Os prisioneiros pulavam de alegria, num êxtase incommensurável ao se verem finalmente libertos. Afagados pela cherokee, olhavam a dupla com admiração.

– E você terá seu grand finale, querida – respondeu Morgana. – Hoje meu programa vai ao ar mais cedo, em sessão extraordinária.





– Espera, você vai revelar tudo no Shot de Cianureto? A Grammaton nunca vai passar essa história!

– Ah, eles vão sim. Quando eu enviar tudo pro Marte e ele começar a distribuir o vídeo pra transmissoras clandestinas, espalhando a verdade pelos quatro cantos do ciberespaço, o escândalo vai chamar atenção das emissoras pequenas, que vai incomodar as médias e deixar meu editor da Grammaton uma pilha de nervos! O filho da puta não vai querer perder essa! Pelo amor das supernovas, Amadahy, nosso material pode tirar o governador do poder! Só preciso organizar as informações e depois você dá um zumbificante pra outro daqueles pterossauros que precisaremos chegar num certo lugar muito rápido.

– O que você tá querendo fazer?

– Depois de soltar a verdade? Esperar um pau-mandado babaca qualquer cometer um erro no calor do momento.

Nas ruas do centro que se avizinham ao Roulette, a menina translienígena continuava gastando sua voz, agora fraca e cansada, em repetir a mesma história para as pessoas. Meia dúzia acreditara em parte daquela carnificina, mas apenas para se aproximar dela e tentar levá-la a um hospício ou a uma assistente social. Outra meia dúzia acompanhava o esforço inútil da garota por pura diversão. Esgotada, com as lágrimas encharcando o rosto e as mãos trêmulas de uma ínfima esperança, a menina estava prestes a se deixar cair no meio da calçada, desacreditada de que conseguiria ajuda, quando telas públicas em todos os cantos da cidade anunciaram uma transmissão extraordinária do programa Shot de Cianureto, da artista Morgana Memphis.

Pessoas, ciberorganiformes, animorfos e um ou outro translienígena paravam no meio de seus caminhos, aglomeravam-se embaixo do telão mais próximo ou acionavam seus feeds oculares de notícias, e prestavam atenção nas palavras que Morgana começava a dizer. As faces surpresas dos expectadores transmutaram-se em faces transtornadas de descrédito ou terror. Sob a sequência ferina de palavras que ela desferia, as páginas dos quadrinhos daquele senhor transalien crossdresser ocupavam a tela, seguidas de fotos horríveis dos prisioneiros mantidos na Irmandade Gravibranâmica. Mas o que deixou a todos atordoados foi a gravação de um vídeo mostrando Morgana ajoelhada perante uma freira, que vomitava toda a verdade sobre a operação.

– ...mas é claro que tivemos apoio do Carbonaço! Sem ele não poderíamos agir às escondidas! Quem você acha que encobriu os desaparecimentos dessas criaturas imundas? Quem você acha que mandou os policiais ignorarem qualquer indício de crime envolvendo a Irmandade ou seus arredores? Nós estamos a serviço de Gráviton e Brana, não permitiríamos essas aberrações perambulando por nossa cidade! Precisávamos fazê-los dar o fora daqui! Queríamos ameaçá-los, assustá-los! Mas essa corja insistiu e então precisamos matar um deles! Aquele corpo que jogaram no Roulette foi um aviso! Não estou dizendo que o Carbonaço não dê a mínima pra essa gente! Ora, ele até mesmo designou um bairro inteirinho só pra eles! Claro que é um buraco infestado de merda, mas esse povo também é merda! A questão é que o Carbonaço nos apoiou, ajudou e encobriu, porque nossa Irmandade possui milhares de adeptos! Nosso rebanho está espalhado pelo estado inteiro, é um puta curral de voto, não acha? Mas estamos do mesmo lado, pela





decência dessa civilização corrompida, pela pureza de nossos corpos orgânicos, só nossos! Pelo direito de não deixar esses invasores pervertidos roubarem nossa identidade e...

Conforme iam ouvindo, os expectadores pareciam diminuir de tamanho, encolhendo de vergonha e remorso. Os eleitores do Carbonaço procuravam sair das ruas, fugindo com passos apressados e olhando para os lados, paranoicos de que viriam descontar tudo neles. A menina translienígena exibia um sorriso de orelha a orelha ao mesmo tempo em que continuava chorando pela opressão de sua espécie. As pessoas que antes haviam zombado de seus pedidos de socorro, agora se uniam ao seu redor. Uma multidão começava a se formar, colérica e injuriada. Gritos de revolta explodiam. Alguém preparava um coquetel molotov. Policiais afastavam-se mais do que tentavam conter alguma coisa, com tanta gente reunida, e nervos à flor da pele. Decididos, começavam a marchar, revigorados pela voz de Morgana ecoando pela cidade, finalizando a transmissão do programa com ameaças ao governador.

– Você não está mais encoberto, seu filho da puta! Quando menos esperar, vamos arrancar suas bolas e fazê-lo engoli-las com o sangue dos translienígenas que você matou durante todos esses anos!

O mar de gente avançava em passadas fortes na direção do Roulette. Os militares das fronteiras do bairro posicionavam-se com escudos, formando uma barreira. As duas frentes encararam-se. A tensão era palpável. Podia-se cortá-la com uma faca. Paralisados, esperavam o outro lado dar o primeiro passo. Os soldados da linha atrás dos escudos tremiam em suas botas, com as mãos suadas agarradas nas armas e os olhos embaçados tentando focalizar alguma

ameaça no meio da multidão. Um homem-chacal mexeu os braços para levantar a menina translienígena e apoiá-la no colo, mas antes que conseguisse, teve a cabeça explodida por um tiro. A reação foi imediata. A multidão avançou ensandecida e a carnificina tomou corpo.

A quase trinta metros acima das ruas, Amadahy e Morgana estavam montadas em um pterossauro grogue e manso, batendo as longas asas para estabilizá-los no ar. A cherokee fizera o que a amiga pedira, e as lentes em seu implante ocular deram um zoom para o conflito lá embaixo, bem a tempo de gravar o tiro covarde do soldado que matou um animorfo inocente e espirrou seu sangue numa criança translienígena. O vídeo já estava sendo distribuído e compartilhado compulsivamente.

– E a revolução local acaba de ser estendida – sorriu Morgana, puxando o arreio do réptil voador e guiando-o para as vias que levavam às florestas do litoral, onde a entrada para sua casa submarina encontrava-se.

– Espera, você não vai querer ver tudo terminar? Não vai querer participar? – indagou Amadahy, confusa, virando o pescoço para enxergar a massa de gente engalfinhada lá embaixo.

– Eu não preciso fazer nada agora. Nunca foi minha intenção remediar alguma coisa ou tomar parte no decorrer da revolta. Eu apenas comecei a destruição, expus os esqueletos no armário, aponteí o dedo na fuça desse bando de hipócritas e cuspi na cara deles a verdade. Agora eles que terminem o trabalho. E os próximos que vierem que se encarreguem de reconstruir o que foi posto abaixo.

– E ainda te pagam por tudo isso..

– Falando em pagar, melhor ligar meu nanofone que preciso dar uma palavrinha com meu editor e... – mas assim





que apertou o minúsculo botão atrás da orelha, foi bombardeada com uma série de chamadas não-atendidas e mensagens raivosas de Lisa.

– Merda, devia ter ligado...

– É aquela sua amante ciberorganiforme? Largou essa ao abandono também? – zombou Amadahy. – Você não presta, sabia?

– Eu nunca disse que prestava, amor. Eu não valho nada, mas são vocês que insistem em continuar me amando – respondeu Morgana de maneira odiosamente adorável.

“O universo weird, caótico, explícito e debochado de Morgana Memphis tem principal influência da HQ *Transmetropolitan*, e trata de temas LGBT com uma comicidade impiedosa. Subversivo, porém comprometido, nasceu da vontade de criar e extrapolar personagens que beiram o limiar entre o cotidiano fantástico e o absurdo psicológico.

Esta é uma amostra do livro
“A Fantástica Literatura Queer”,
volume “Vermelho”, que pode
ser lida gratuitamente no site
www.tarjaeditorial.com.br

Para conhecer mais sobre a obra
e demais livros da série, visite o site.

Leia também:

A SITUAÇÃO

Richard

Jeff
VanderMeer

"Em A Situação, [o autor] criou um mundo de humor surreal, tristeza estupefata e artifício meticuloso. É como se os romances de Sinclair Lewis e Joshua Ferris tivessem sido invertidos, sacudidos e cortados em pequenos pedaços até eles se parecerem com uma criação de Terry Gilliam. Que uma história que se curva tão resolutamente em sua própria lógica possa ser tão pungente é de causar perplexidade." - Kevin Brockmeier

"Pegue Dilbert, ponha-o dentro de Gormenghast, acrescente pesadelos biotecnológicos em abundância e você terá algo com sabor de A Situação de VanderMeer. A sombriamente hilária história conta as horríveis verdades do trabalho e do local de trabalho modernos. Qualquer um que já tenha tido um colega disfuncional ou tenha trabalhado para uma organização falida vai reconhecer as maquinções e os monstros aqui." - Margo Lanagan

Rei
Rato

China Miéville

"Ficção para o novo século." - Neil Gaiman

"A prosa de Miéville mescla a violência niilista de James Herbert com a paranoia metropolitana do Martin Amis de Campos de Londres e demonstra talento para o diálogo verossímil e ambientações cinematográficas. Mais impressionante, talvez, seja a topografia meticulosamente trabalhada de uma Londres povoada por jovens desesperados e bizarras criaturas da noite e tomada pelo ritmo do drum 'n' bass." - *The Times (Londres)*

"Rei Rato desce tão doce quanto o lixo de semanas; deixa o leitor olhando, pensativo, para as tampas de bueiro do Soho e de Battersea. Uma leitura bem-amarrada, succulenta, instigante." - M. John Harrison

